

GLOBAL RESILIENCE FUND PANELIST, BRAZIL

CAROLINA COELHO GLOBAL RESILIENCE
FUND PANELIST, BRAZIL



The COVID-19 crisis and girls, young women gender non-conforming youth - spotlighting moments, contexts and movements, a collage of different geographies across the globe.

How has our activism and organising shifted in the pandemic? What does resilience look like for young feminist activists, and what is needed now? A call to action.

Living in a convoluted continent and learning to reinvent in the corner of life, in the same way that hard-won democracies are struggling to survive, Latin-American women have been facing the scenario with courage and have reinvented life.

The COVID-19 pandemic, which arrived in 2020 on the continent, makes evident that our hunger, our wellbeing, our desire to be alive have been transformed into battlefields. The unfair disputes and the harmful policies that work exclusively to extract our natural resources, our lands and our lives have not given women, especially young Latin-American women a chance to breathe.

These girls and young women reoriented the course of the pandemic in their territories. The failure of Latin American states to respond adequately to the pandemic was irresponsible and damaging, whether due to human loss or the socio-economic upheaval that persists in the region. Although the responsibility for this damage caused by COVID-19 rested with the states, community mobilisation and the solidarity of the territories in a situation of poverty made way for even greater damage. Thus, the experience of looking closely at local activism is essential to note the agility and creativity with which, even in precariousness, women keep resisting. And let us not romanticise the precariousness of those who have their own life and health transformed into a battlefield.

The opportunity to see so many groups and organisations doing emergency and creative work in their territories shows that not only is another world possible, but we still dream about it. Also finding so many pairs to exchange on territorial projects says a lot about how, as

young women, we understand that it is necessary to challenge the norm and dare to bet on and give a chance to what we believe. Those who wrote their proposals, and those who had the hard time choosing them, all came from real experiences of activism and life, changing the world through every day change. The self-organisation of women in their territories is definitely a way to strengthen and touch other small groups of women. Throughout my activist trajectory, I have always heard: feminism (intersectional anti-racist and transactivist) is 'a little ant's job.'

Therefore, to those who transformed their kitchens, their backyards, their living rooms, their study tables, their entire houses to welcome and transform precariousness - they have come a long way!

A noite não adormece nos olhos das mulheres

A noite não adormece nos olhos das mulheres

A lua fêmea semelhante nossa

Em vigília atenta vigia a nossa memória

A noite não adormece nos olhos das mulheres

Há mais olhos que sono

Onde lágrimas suspensas virgulam o lapso

De nossas molhadas lembranças

A noite não adormece nos olhos das mulheres

Vaginas abertas retêm e expulsam a vida

Donde Aínás, Nzingas, Ngambeles

E outras meninas luas

Afastam delas e de nós

Os nossos cálices de lágrimas

A noite não adormecerá jamais nos olhos das fêmeas

Pois do nosso sangue-mulher

De nosso líquido lembradiço

Em cada gota que jorra

Um fio invisível e tônico

Pacientemente cose a rede

De nossa milenar resistência

Conceição Evaristo, em Cadernos Negros, vol. 19

ASSIM, A EXPERIÊNCIA DE OLHAR PRÓXIMO PARA O ATIVISMO LOCAL É ESSENCIAL PARA NOTAR A AGILIDADE E A CRIATIVIDADE COM QUE, AINDA NA PRECARIEDADE, AS MULHERES RESISTEM.

(Portugues - Português)

Proposta: Cartografia latinoamericana da resistência feminista

Viver em um continente em convulsão e aprender a reinventar as dobras da vida. Na mesma proporção que democracias duramente conquistadas vêm se debatendo para sobreviver, as mulheres latino-americanas têm enfrentado com coragem e reinventando a vida.

A pandemia do Covid-19, que chega em 2020 no continente, nos deixa evidente: nossa fome, nosso bem-estar, nosso desejo de estar viva foram transformados em campos de batalha. As disputas injustas e a política nociva que funciona exclusivamente para extrair nossos recursos naturais, nossas terras e nossas vidas não vêm dando chance de suspiro às experiências das mulheres, em especial as mulheres jovens latino-americanas.

Essas meninas e mulheres jovens reorientaram o rumo da pandemia em seus territórios. A inoperância dos estados da América Latina em responder adequadamente à pandemia foi irresponsável e danoso, seja pela perda humana, seja pelo abalo sócio-econômico que persiste na região. Ainda que a responsabilidade quase integral sobre os danos causados pela Covid-19 fosse dos estados, novamente a mobilização comunitária e a solidariedade dos territórios em situação de pobreza foram potenciais freios de danos ainda maiores. Assim, a experiência de olhar próximo para o ativismo local é essencial para notar a agilidade e a criatividade com que, ainda na precariedade, as mulheres resistem. E não romantizemos a precariedade de quem tem sua própria vida e saúde transformadas em campo de batalha.

A oportunidade de ver tantos grupos e organizações realizando trabalhos emergenciais e criativos em seus

territórios mostra que não somente outro mundo é possível, como ainda sonhamos com ele. Encontrar também tanto pares para trocar sobre os projetos territoriais diz muito sobre como, enquanto mulheres jovens, entendemos que é preciso desafiar a norma e ousar apostar no que acreditamos. Tanto aquelas que escreveram suas propostas, quanto aquelas que tiveram a árdua de escolhê-las, todas vindas de experiências reais de ativismo e vida, mudando o mundo no miúdo. É nítido que a auto-organização das mulheres

em seus territórios é um caminho importante para se fortalecerem e contagiarem outros pequenos grupos de mulheres. Ao longo da minha trajetória ativista, sempre ouvi: o feminismo (interseccional transativista antirracista) não é um trabalho de formiga.

Portanto, àquelas que transformaram suas cozinhas, seus quintais, suas salas, suas mesas de estudo, suas casas inteiras para acolher e transformar precariedade em partilha - os seus passos vêm de longe! ■